

Manuel Alberto Carvalho Prata
Coordenação



mprensa
Estudantil
de Coimbra

Vol. I:
Repertório Analítico
(Século XIX)



Coimbra • Imprensa da Universidade • 2006

NOTA DE APRESENTAÇÃO

A Universidade não é apenas a instituição onde se ensina e se aprende, com toda a sua organização cada vez mais pesada. É também a comunidade ou as comunidades, que em certas alturas tiveram, por diversos motivos e com acepções diferentes, o nome de corporação ou corporações. Entre essas comunidades pode contar-se a comunidade estudantil, que, sobretudo nas universidades antigas, teve uma vida própria, com as suas organizações, as suas reivindicações, a sua cultura, os seus costumes, as suas praxes...

Os estudos sobre as universidades muitas vezes prestam mais atenção à estrutura universitária institucional, no seu todo, esquecendo a comunidade estudantil, que em Portugal se vulgarizou com o nome de «Academia». Em contrapartida, os antigos estudantes escreveram, e continuam a escrever, um número significativo e sempre crescente de memórias, impressões, críticas e narrativas diversas sobre a vida académica, questões que os historiadores normalmente desprezam, embora os antropólogos e sociólogos comecem a dedicar-lhes algum interesse, com a sua própria metodologia e sua característica linguagem científica.

Teófilo Braga foi o primeiro sociólogo-historiador a manifestar um particular interesse pelas questões estudantis. E antigos académicos iniciaram em Coimbra uma análise que, se nem sempre é metodologicamente científica, é de uma grande riqueza informativa. Assim sucede com as obras de Sousa Lamy e de António José Soares ou com os estudos de Artur Ribeiro, este responsável actual pelo Museu Académico de Coimbra. O Sétimo Centenário da Universidade e os trabalhos de historiadores da educação, como Joaquim Ferreira Gomes, começaram a interessar-se pelos problemas académicos e assim foram surgindo algumas teses universitárias, de que a de Manuel Carvalho Prata é um exemplo significativo. No mundo epistemológico, de objecto mais «actual» e

oralizante, da antropologia e da sociologia cultural, a muito recente dissertação de mestrado de Teresa Carreiro vem perspectivar os estudos sobre a Academia no campo da «experiência de vida» das «repúblicas» de estudantes, que, longe de ter apenas um interesse regional, tem uma dimensão científica alargada. De tal forma que os problemas da praxe académica de Coimbra já geraram também uma tese de doutoramento realizada na Sorbonne, da autoria de um luso-francês, Aníbal Frias. De resto, Eduarda Cruzeiro, no seguimento das teses de Bourdieu, dera o exemplo nos anos noventa, abordando problemas da comunidade universitária, nomeadamente da Faculdade de Direito, que envolvem também o horizonte estudantil. Para fechar esta breve descrição de caminhos, recordemos ainda o recente estudo das imagens, nomeadamente das imagens fotográficas, que está a ser levado a efeito por Alexandre Ramires, investigando sobretudo o rico acervo da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra.

O dicionário agora apresentado por Manuel Alberto Carvalho Prata (realizado com a colaboração de Manuel Zolino Figueiredo e de jovens investigadores) é revelador do grande interesse que têm os estudos sobre a Academia. No seguimento da sua tese de doutoramento, captou a importância de dezenas de jornais estudantis, aos quais estão ligados, por vezes, grandes nomes da cultura portuguesa, assim como o nome de muitos desconhecidos que passaram pelos bancos da Universidade de Coimbra.

Este é apenas o primeiro volume, relativo ao século XIX, ao qual se seguirá um outro volume, sobre o século XX. Trata-se de jornais literários, de crítica ou de intervenção política, que constituem um património cultural de grande interesse, mas que só agora virão com certeza despertar a atenção dos historiadores e de outros estudiosos. Mas importa alargar o âmbito desta análise a outras academias, não só do ensino superior, mas também liceal ou, utilizando a linguagem de agora, do ensino básico e secundário. Por certo verificar-se-á que, ontem como hoje, os estudantes captam os erros das instituições que frequentam, caricaturando ou exagerando nas suas críticas, despertam para novas linhas culturais, mais ou menos ligadas a ideologias de «direita» ou de «esquerda», manifestam duras intervenções políticas, deliram ingenuamente em tentativas que se, em alguns casos, são de pouco interesse estético, foram por certo de importância para a sua formação, que não se reduz ao banco das escolas... Afinal, conhecer os seus jornais é conhecer uma boa perspectiva da cultura da juventude. E a história dos jovens — como a das mulheres ou outra «história de

géneros» — deve ser encarada como um espaço de grande importância no contexto da história.

O Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX da Universidade de Coimbra (CEIS20), que, apesar de se dedicar ao século passado, tem presente a importância dos estudos sobre o século XIX para entender a centúria que se lhe segue, considera que, ao patrocinar esta investigação e esta publicação, a qual tem o apoio dos Serviços de Educação da Fundação Calouste Gulbenkian, está a contribuir para um melhor conhecimento dos séculos que precederam o actual século XXI, da história da Universidade e, mais especificamente, da Academia. O que é importante, em qualquer circunstância, mas especialmente nestes tempos de crise, ou seja, de mudança, como sempre, com angústias, mas também com algumas esperanças.

Coimbra, 1 de Janeiro de 2005

Luís Reis Torgal